

EDUCAÇÃO, ENSINO E ACESSO AO CONHECIMENTO NA DISTOPIA

Juliana Radosavac F. Cerqueira

Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso

Mestranda

RESUMO: A educação e o ensino parecem habitar, frequentemente, os romances distópicos, funcionando como elementos chave para a compreensão dos modelos sociopolíticos representados nas obras, indicando não somente as formas de controle empregadas pelos estados distópicos, mas também as relações entre sociedade e indivíduos fomentadas por esses modelos. Desta forma, este artigo apresenta os objetivos e progresso de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que visa analisar as relações entre a educação e a distopia – voltando-se principalmente ao ensino e ao acesso ao conhecimento – de modo a investigar como elas dialogam com imaginários contemporâneos, em contexto ocidental e capitalista. Do mesmo modo, pretende-se estabelecer qual seria o tipo de sujeito que a distopia pretende formar, bem como sua contrapartida utópica. Através de tal projeto será possível tratar de um potencial duplo da educação que ora parece funcionar nas obras como técnica voltada para o adestramento e controle das massas, ora parece apresentar uma força emancipadora e humanista que se volta contra a distopia.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia, Educação, Ficção Científica

O presente artigo objetiva apresentar meu projeto de mestrado em estágio de desenvolvimento, voltado para a literatura em língua inglesa, cujo tema envolve a distopia e a educação. A distopia tem sido uma das principais formas de pensar sobre a contemporaneidade dentro da literatura, desde meados do século XX. O momento histórico, marcado por muitas guerras, pela crise do Estado de bem-estar, desastres ecológicos, corrupção e os conflitos étnicos no leste da Europa e na África, foi favorável ao pessimismo e, conseqüentemente, ao estabelecimento da distopia como uma das formas de pensamento dominantes (SARGENT, 1994). Nos anos oitenta, o movimento distópico contou ainda com a criação das distopias críticas, impulsionada especialmente pela consolidação do

neoliberalismo e da “utopia do mercado” (BACCOLINI e MOYLAN, 2003). Na última década, o fenômeno tomou novas proporções com o vasto número de publicações voltadas para o público infanto-juvenil e a adaptação de muitas destas para o cinema. Levando em conta o tremendo sucesso das distopias nos últimos anos, é importante, portanto, investigar por que modelos tão sombrios vêm sendo fortemente apreciados e a forma como dialogam com a realidade.

As distopias oferecem uma ampla variedade de temas a serem discutidos. Em minha pesquisa para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - 2015/16), pude notar, a partir do estudo de algumas distopias infanto-juvenis contemporâneas e da leitura de outras clássicas voltadas para o público adulto, a recorrência de certos modelos educacionais, os quais, frequentemente, desempenhavam um papel central na compreensão das obras com que tive contato. Surgiu, então, a curiosidade de pesquisar a relação entre educação e distopia. Sendo a educação uma prática social (BRANDÃO, 1995), seu estudo pode indicar não somente em que tipo de sociedade vivemos e que sujeitos formamos, mas também que tipo de sociedade estamos construindo ou queremos construir, além dos tipos de sociedade que desejamos evitar. Considerando a responsabilidade educacional de incorporar o sujeito à sociedade, a educação também pode ser vista como um aspecto central da distopia, já que um dos temas centrais do subgênero é justamente a questão da inserção do indivíduo na sociedade.

O projeto em questão analisa as representações da educação e do ensino, bem como do acesso ao conhecimento, em obras literárias distópicas, e como essas representações dialogam com a contemporaneidade. O exame das obras selecionadas pretende levantar indícios de como a educação se configura no imaginário da sociedade, num contexto social capitalista ocidental. A partir de tal análise, objetiva-se tratar das diferentes visões da educação na literatura e na sociedade contemporânea. Um dos focos da investigação do tema são as relações entre indivíduo e sociedade produzidas pelas formas de ensino distópicas. Meu objetivo é investigar a conexão entre os modelos educacionais observados nas distopias selecionadas e as relações entre sujeito e sociedade construídas a partir de tais modelos, tentando delinear qual seria o tipo de sujeito que a distopia pretende formar e, em contrapartida, qual seria sua alternativa utópica.

Na minha análise, eu me voltarei sobretudo para as representações do ensino nas obras distópicas. Para estabelecer o conceito de ensino com o qual trabalho, me apoio na definição do Carlos Rodrigues Brandão (1995), que o classifica como uma parcela do que é educação. Enquanto a educação se refere a uma prática social ampla – um trabalho para a produção da existência humana, através da transmissão de saberes e valores, considerados necessários para a inserção do indivíduo em uma certa sociedade – que acontece em meio à vida comunal, o ensino se trata da sua formalização, que ocorre de forma institucionalizada, planejada e separada do resto da vida comunal, nas escolas, oficinas e afins. Desta forma, o foco nas formas de ensino delineadas nas obras literárias é vantajoso, já que essas são projetadas pelos Estados distópicos e favorecem a análise dos tipos de indivíduo que esses Estados planejam formar. O direcionamento também se justifica, uma vez que a análise de todas as nuances educativas presentes nas obras estenderia demasiadamente a pesquisa, podendo torná-la dispersa. Ainda assim, será interessante e necessário comentar alguns processos educativos pontuais que não dizem respeito ao ensino em si, mas que não podem deixar de ser considerados, em algumas das obras selecionadas, como a educação familiar em *O Doador de Memórias*, de Lois Lowry, e a educação religiosa em *O Motivo*, de Patrick Ness, entre outras. Além disso, ao fim da tese, trabalharei com formas de educação alternativa que vão contra a ordem vigente presentes nos romances que apontam para certos valores apreciados nessas distopias, indicativos – por vezes – de alternativas utópicas, como a alteridade, a empatia, a memória e outros, feitas através de pistas textuais.

Para a análise em desenvolvimento, foram selecionados os romances: *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (2004), *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury (2013), *O Doador de Memórias* de Lois Lowry (1993), *O Motivo* de Patrick Ness (2013) e *O Pacto* de Gemma Malley (2008).

Através da seleção dessas obras para o projeto, objetiva-se discutir a educação em dois diferentes aspectos. O primeiro diz respeito ao seu uso como uma arma de controle e manipulação para a sustentação da distopia. De fato, o uso da educação como forma de controle não parece algo distante da nossa realidade. Como Lucídio Bianchetti e Juarez Thiesen (2014) afirmam acerca do paradoxo do modo de produção capitalista (neo)liberal,

que até certo ponto é capaz de manter “‘harmônicas’ as relações daqueles que vivem sob a égide do capital”,

(...) Isto somente poderá ser compreendido se forem levados em conta o papel da *educação* e dos meios de comunicação e demais aparatos que constituem a vertebralidade estrutural e conjuntural desse sistema e que garantem sua manutenção. A ideologia, entendida como o conjunto das ideias que emanam desses aparatos, também desempenha o papel estruturador da forma de organização e funcionamento da sociedade atual. (...) A força da ideologia reside exatamente na sua condição de poderosa estratégia que garante que se proceda a uma assepsia de qualquer resquício de ideia que possa ser contrária à ordem vigente ou colocá-la sob questionamento (BIANCHETTI, 2014, p. 27-28, grifo nosso).

A afirmação demonstra de forma clara o papel da educação como um dos aparatos de controle e imposição ideológica observadas já na contemporaneidade e, por vezes, levada a extremos nos mundos fictícios das distopias. Outra forma de pensar nas formas de domínio possibilitadas pela educação se associa à perspectiva das disciplinas, traçada por Michel Foucault (2017) em seu livro *Vigiar e punir*. As disciplinas, para Foucault, são um conjunto de métodos de controle e coerção ininterruptos e detalhados, construídos de forma organizada e voltados para a eficiência e a dominação. A organização das disciplinas possibilita

(...) estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar” (*Ibidem*, p.140).

O segundo aspecto, por sua vez, evidencia o potencial emancipador e humanista da educação, que, geralmente, precisa ser extirpada ou cerceada no modelo sociopolítico fictício, para que esse se mantenha. A teoria ganha suporte na afirmação de Basu, Broad e Hintz (2013), na introdução de seu livro *Contemporary Dystopian Fiction for Young Adults*, acerca de uma característica geral das distopias infanto-juvenis – e de muitas outras, como pretendo demonstrar ao longo da pesquisa. Os autores declaram que “[o] acesso à informação é frequentemente perigoso, mas é repetidamente apresentado como o único meio de se tornar livre”² (*Ibidem*, p. 4, tradução livre) dentro das distopias. Também a educação através da memória parece ganhar um papel importante na emancipação dos sujeitos nas distopias.



A minha tese partirá, então, de *O Motivo* de Patrick Ness e de *Fahrenheit 451* de Bradbury, iniciando um debate acerca das restrições impostas ao ensino e ao acesso ao conhecimento dentro da distopia. O romance de Ness se passa em um agrupamento colonizador de um novo planeta, no qual todos foram infectados por um vírus que fez com que os pensamentos dos homens se tornassem audíveis. Os efeitos catastróficos de tal contaminação se fizeram sentir e, em consequência, todas as mulheres foram mortas e um governo autoritário se sobrepôs no local, instaurando a queima de livros, o fechamento das escolas e o fanatismo religioso e ritualístico para o controle dos homens. Em *Fahrenheit 451*, por sua vez, entramos em contato com uma sociedade alienada pelos meios de comunicação em um ambiente que parece se acelerar cada vez mais e impedir a comunicação significativa e a formação de laços afetivos duradouros e estáveis. A história dessa sociedade, como nos é contada, evidencia um progressivo abandono dos livros, até que quase todos se tornam expressamente proibidos. Nesse futuro sombrio, os bombeiros já não mais apagam incêndios, uma vez que todas as casas eram feitas de material à prova de fogo. Sua função na sociedade passa ser incendiar os livros proibidos. Em *Fahrenheit*, as escolas, embora permaneçam ativas, em contraste com *O Motivo*, funcionam como uma forma de padronização despreocupada com o conhecimento, nas quais os esportes e os comportamentos agressivos são incentivados e o saber é menosprezado. Nos romances, portanto, a queima de livros e o fechamento das escolas ou a transformação das escolas em uma máquina uniformizadora despreocupada com a valorização do saber podem apontar implicitamente para o potencial emancipador da educação, algo que as sociedades distópicas em ambos os romances tentam evitar, justamente para manter o controle das massas.

Em seguida, tomando *O Pacto* de Malley e *Admirável Mundo Novo* de Huxley, a dissertação se direcionará à investigação acerca da relação entre o ensino e a manutenção das classes sociais – criadas e controladas pelos Estados distópicos e que permitem a continuidade desses Estados. Em *O Pacto*, é possível identificar um mundo à beira do colapso ecológico, que se inicia após a descoberta de um medicamento capaz de permitir a imortalidade com o seu uso. Depois de certo tempo, para controlar a situação é criado “o pacto”. Um acordo entre os cidadãos e o governo de que, enquanto estiverem utilizando o medicamento, não poderão ter filhos. No entanto, quando casais geram filhos ilegalmente, esses são tomados pelo estado



e criados em centros educacionais, cuja a função é preparar essas crianças para que trabalhem como servos dos cidadãos em estado de legalidade. Em *Admirável Mundo Novo*, por outro lado, o estado eliminou a reprodução vivípara e tomou para si a função de controle da reprodução in vitro em massa de seres humanos. Nos centros de condicionamento, desde o estágio embrionário, são utilizados árduos métodos de condicionamento físico e psicológico, que visam a formação de corpos dóceis, a separação da sociedade em castas com funções e comportamentos bem definidos e a imposição de uma ideologia única. Em ambos os romances, os centros educacionais presentes nas narrativas parecem funcionar como meios de “(con)formação do cidadão produtivo” (RODRIGUES, 2016), possibilitando a submissão dos sujeitos ao Estado distópico. Nesses romances, as formas de condicionamento e de ensino refletem muitas das considerações de Foucault acerca das disciplinas que permitem a formação de corpos dóceis, através da vigilância do comportamento, num sistema de recompensas e punições, que favorecem o controle e a dominação.

Posteriormente, a partir de *O Doador de Memórias*, será analisada a educação libertadora e humanista, feita através da memória e da empatia, analisando a evolução do protagonista do romance Jonas. No romance, observamos uma sociedade altamente ordenada e aparentemente perfeita. Porém, ao longo da narrativa é possível constatar que o modelo social em questão se mantém mediante altos custos, como a redução dos sentimentos e das sensações, o descarte de bebês imperfeitos e de idosos, além do apagamento da memória comunitária. O protagonista Jonas passa por um processo educativo diferente do resto da comunidade, que lhe permite superar a padronização imposta pela distopia e formar a sua individualidade, por meio do ganho dessas memórias. Dentro desse quadro, pretendo explorar os caminhos para uma educação emancipadora, além das relações entre sujeito e sociedade que seriam valorizadas no romance.

Por fim, trazendo uma articulação de todos os romances, eu pretendo refletir sobre o que chamarei de “educação alternativa”. Aqui, me refiro a um processo educativo traçado a partir do contato dos protagonistas com personagens, geralmente, desajustados da distopia, que fazem com que os protagonistas passem a questionar o meio social em que vivem e a tomar consciência das injustiças nas sociedades em que vivem. Essa reflexão é interessante, pois poderá apresentar novas perspectivas para a concepção do protagonista da distopia,



conforme apresentada por Baccolini e Moylan (2003). Os autores afirmam que, em contraste à utopia – que apresenta um protagonista estrangeiro à comunidade utópica e se delinea através do estranhamento que surge do contato com a mesma – a distopia traz um protagonista que vive dentro da comunidade distópica e passa a questionar e tomar consciência da opressão de seu modelo social. O estudo da educação alternativa presente nos romances poderá conferir um novo suporte a essa afirmação. A educação alternativa pode ainda indicar traços desejáveis para a construção de um modelo educacional utópico.

Até o presente momento, foram realizadas leituras voltadas para a teoria da educação, como “O que é educação” do Carlos Rodrigues Brandão e “Education and Democracy” de John Dewey, bem como textos teóricos sobre as utopias e distopias. Atualmente, estou lendo textos teóricos e críticos que tratam justamente dessa interseção entre educação e distopia e também trabalhando com as reflexões de Foucault acerca das disciplinas, articulando essas reflexões com as formas de condicionamento biológicas e psicológicas de *Admirável Mundo Novo* e *O Pacto*, estabelecendo, portanto, o papel do ensino para o controle e a uniformização das sociedades em ambos os romances.

A essa discussão estou cogitando acrescentar algumas reflexões sobre biopolítica, com *A História da Sexualidade* de Foucault e *Homo Sacer* de Agamben. Partindo do poder disciplinar traçado por Foucault em *Vigiar e Punir* – que nada mais é do que um dos dispositivos biopolíticos, segundo Roberto Esposito (2004, p.45) – seria interessante examinar, ainda que brevemente, a forma com que o poder do Estado distópico muitas vezes se apresenta como política *sobre a vida*.

Para a investigação das formas de educação emancipadoras, iluministas e humanistas, pretendo utilizar principalmente o livro *A Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (2017), incluindo também parte de *Educação e Democracia* de John Dewey, entre outros. Desta forma, combinarei leituras sobre teoria da educação e da literatura, bem como sobre filosofia.

REFERÊNCIAS

BACCOLINI, Rafaella; MOYLAN, Tom. Dystopia and Histories. In: _____ (orgs.). *Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination*. Nova York; Londres: Routledge, 2003, pp. 1-12.



BASU, Balaka; BROAD, Katherine R.; HINTZ, Carrie. Introduction. In: _____ (orgs.). *Contemporary dystopian fiction for young adults: brave new teenagers*. Nova York; Londres: Routledge, 2013, pp. 1-15.

BIANCHETTI, Lucídio; THIESEN, Juarez da Silva. O lugar das utopias e distopias no debate social e pedagógico na atualidade: à guisa de apresentação. In: _____. *Utopias e distopias na modernidade: educadores em diálogo com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell*. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. 60th anniversary edition. Nova York: Simon & Schuster, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DEWEY, John. *Democracy and education*. 1 ed. Nova York; Londres: Macmillan Publishers, 1966.

ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução por Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HUXLEY, Aldous. *Brave New World*. Londres: Harper Collins Publishers, 2004.

LOWRY, Lois. *The Giver*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt Books For Young Readers, 1993.

MALLEY, Gemma. *The Declaration*. Londres: Bloomsbury, 2008.

NESS, Patrick. *The Knife of Never Letting Go*. Londres: Walker Books, 2013 [1ª ed. 2008.].

RODRIGUES, José. Por um programa de transição para a educação: em defesa da concepção marxista da formação politécnica. In: ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (Org.). *Caminhos da politécnica: 30 anos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*. Rio de Janeiro: ESPJV, 2016. p. 357-401.

SARGENT, L. T. The Three Faces of Utopianism Revisited. *Utopian Studies*. V. 5, n. 1, 1994, pp. 1-37. Disponível em: [<http://www.jstor.org/stable/20719246>]. Acesso em: 20/10/2017.